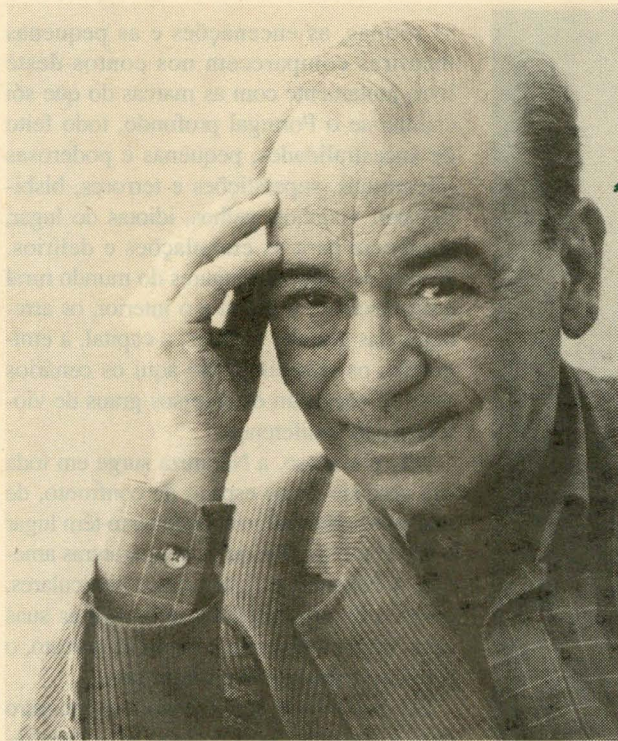


REGRESSO A «O DELFIM»



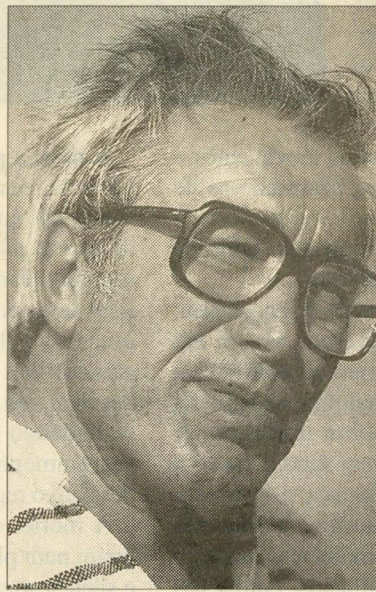
Os cineastas Fernando Lopes e (ao lado) Cardoso Pires com António Lobo Antunes

Júlio Freches

há livros que nunca nos abandonam. São os que fazem parte de uma selecção incompleta, elaborada com critérios muito pessoais e subjectivos, sempre disponíveis para serem (re)lidos com prazer, como se "O Tempo esse grande escultor" (é bom evocar Marguerite Yourcenar) permitisse desvendar novas descobertas. Não é esta dimensão de intemporalidade que marca as grandes criações literárias?

Na literatura portuguesa de ficção do século XX, O Delfim (1968) de José Cardoso Pires cre-

ditá-se como uma obra maior, que muitos consideram genial, com um conteúdo verdadeiramente apaixonante, uma profunda análise da sociedade portuguesa e dos seus comportamentos através da criação de personagens que definem o perfil da nossa maneira de estar no mundo. Firmado já como grande romancista desde O Hóspede de Job (1964), Cardoso Pires atinge em O Delfim, pelo rigor e contenção da escrita, e pela concepção inovadora da estrutura dramática, uma maturidade notável, que aliás virá a ser confirmada, em 1987, com outro romance de grande envergadura, Alexandra Alpha, um tanto esquecido.



José Cardoso Pires

Com a recente estreia do filme de Fernando Lopes, realizador a quem o cinema português muito deve e que sabe adaptar obras literárias ao cinema, voltei à edição da Moraes (ao preço de 55 escudos, imagine-se!) e ao clima nebuloso e surpreendente da Gafeira, guiado pelo "senhor escritor", ele próprio inventado em personagem, "coleccionador de casos, furão incorrigível, actor que escolhe o segundo plano, convencido que controla a cena..." É que controla mesmo: ao longo de 360 páginas, com palavras precisas, quase matemáticas, Zé Cardoso Pires, nascido em chão da Beira, ergue um romance para a eternidade.